

Roseana sobe a rampa

■ Governadora festeja vitórias na área social e se credencia à disputa presidencial

Eleições Presidenciais

São Luiz - J. França

ILIMAR FRANCO

Enviado especial

SÃO LUIZ - A governadora do Maranhão, Roseana Sarney, é o mais novo nome na corrida à sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso em 2002. Mesmo sem ter a exposição de outros presidenciáveis à mídia, e carregar nas costas os prós e contras de ser filha do ex-presidente José Sarney, Roseana conseguiu chamar a atenção de uma parcela da opinião pública. Nos últimos cinco anos, como a única mulher do país a governar um estado, Roseana vem trabalhando para melhorar os indicadores sociais do Maranhão e tem feito mudanças administrativas ousadas, como a de substituir secretarias por gerências.

Quando seu pai foi presidente da República, seu mandato foi marcado pelo slogan "Tudo pelo social". Como política, Roseana herdou essa preocupação. "Se eu tivesse feito essa privatização que o governo federal fez, usaria uma parte dos recursos para abater a dívida social", afirmou, na quinta-feira, em entrevista ao **JORNAL DO BRASIL**. A governadora acredita que a estabilidade econômica foi uma grande conquista do governo Fernando Henrique, mas defende correções de rota. "O sacrifício já foi feito, precisamos pensar agora fortemente em políticas sociais", propôs.

Pesquisa - Aos 46 anos, uma filha, Rafaela, e uma neta, Fernanda, Roseana ficou entusiasmada com o resultado de pesquisa Vox Populi, divulgada há duas semanas, em que aparece com 8% das intenções de voto para a sucessão presidencial. Mesmo assim, quando fala sobre o assunto se comporta como uma política experiente e desconversa: "Não sou candidata a presidente da República, quero ser senadora pelo Maranhão. Em política é preciso ter muito pé no chão".

Sua presença política começou a se destacar no início do ano passado, quando Roseana organi-



Única mulher do país a governar um estado, Roseana diz que o momento é de investir no social

zou, em São Luiz, uma reunião de governadores que apoiavam o presidente Fernando Henrique Cardoso, para se contrapor aos governadores eleitos pelos partidos de oposição que haviam constituído um bloco. Na noite de quinta-feira, dois dias depois de ter participado de mais uma reunião dos governadores com o presidente, a governadora previu que o Senado terá dificuldades em aprovar a emenda que vincula 15% do orçamento dos estados aos gastos com saúde, proposta pelo ministro José Serra.

Engessado - "Nós já temos 13% vinculados ao pagamento da dívida, 15% de transferências para os poderes Judiciário e Legislativo, 25% para a educação e agora mais a saúde. Vai ficar tudo engessado", criticou. Apontadas como a grande reforma, as mudanças no sistema tributário também não inspiram otimismo em Roseana. "Estou inclinada a me

posicionar contra a reforma. As negociações estão levando a que sejam feitas muitas acomodações. Não se faz uma reforma assim", protestou.

Mas chegar a esse momento não foi fácil. Uma vez, em 1996, afirmou ao presidente Fernando Henrique que não participaria mais de reuniões com os governadores. E desabafou: "Eles ficaram me perguntando como vai minha filha, como vai minha mãe, como vai a família, como vai meu pai. Não falam comigo de articulação política. Estou cansada disso".

Fantoches - Pelo fato de ser mulher, Roseana acredita que muitas vezes foi discriminada na política, até mesmo entre os seus correligionários e adversários políticos no Maranhão. "Todos achavam que eu seria um fantoche, que todo mundo ia mandar por mim. Tive que brigar para mostrar que era a governadora e

tinha minhas idéias", contou.

Essas idéias acabaram desmontando esquemas de clientelismo que eram utilizados há décadas pelo grupo político de seu pai. No primeiro mandato, a governadora descredenciou 506 escolas comunitárias, que serviam apenas como cabide de emprego para os aliados políticos. Só manteve os recursos estaduais para as 94 que efetivamente funcionavam. "Os aliados políticos ficaram contra essa mudança e iam a Sarney reclamar: 'a governadora vai acabar com o nosso esquema político'", relatou o senador Jorge Albeito (PMDB-MA).

Naquela gestão, ela também instituiu o turno único para os funcionários públicos, que passaram a dar expediente das 13 horas às 19 horas, reduzindo-se assim os gastos com vale-transporte, tíquete-refeição, telefone, luz, água e material de expediente.